

A QUEDA DOS REINOS VOL. 2

A PRIMAVERA REBELDE

MORGAN RHODES

Tradução

FLÁVIA SOUTO MAIOR

SEGUINTE
O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © by 2013 Penguin Group USA

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL Rebel Spring

CAPA Emily Osborne

ARTE DE CAPA Shane Rebenshied

PREPARAÇÃO Alyne Azuma

REVISÃO Vivian Miwa Matsushita e Renato Potenza Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rhodes, Morgan

A primavera rebelde / Morgan Rhodes ; tradução Flávia Souto
Maior. — 1^a ed. — São Paulo : Seguinte, 2013.

Título original: Rebel Spring.
ISBN 978-85-65765-27-5

1. Ficção — Literatura juvenil 1. Título.

13-11502

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.seguinte.com.br

www.facebook.com/editoraseguinte

contato@seguinte.com.br

PERSONAGENS

LIMEROS

Os Conquistadores

Gaius Damora	O rei
Althea Damora	A rainha
Magnus Lukas Damora	Príncipe e herdeiro do trono
Lucia Eva Damora	Princesa adotada; feiticeira, segundo a profecia
Cronus	Capitão da guarda
Helena	Criada
Dora	Criada
Franco Rossatas	Engenheiro-assistente da Estrada Imperial
Eugeneia Rossatas	Filha de Franco
Lorde Gareth	Amigo do rei

TURANOS

Os Derrotados

Cleiona (Cleo)	Princesa aprisionada
Aron Lagaris	Pretendente de Cleo
Nicolo (Nic) Cassian	Melhor amigo de Cleo
Mira Cassian	Irmã de Nic
Lorenzo Tavera	Estilista de Pico do Falcão
Domitia	Acusada de bruxaria

FAELΣIA

Os Rebeldes

Jonas Agallon	Líder rebelde
Brion Radenos	Subcomandante do grupo de Jonas
Lysandra Barbas	Rebelde
Gregor Barbas	Irmão de Lysandra
Tarus	Jovem rebelde
Nerissa	Rebelde
Onoria	Rebelde
Ivan	Rebelde
Talia	Idosa
Vara	Amiga de Lysandra

VIGILANTES

Ioannes	Vigilante
Phaedra	Vigilante
Timotheus	Membro do conselho
Danaus	Membro do conselho
Melenia	Membro do conselho
Stephanos	Vigilante moribundo
Xanthus	Vigilante exilado

VISITANTES

Ashur Cortas	Príncipe do Império Kraeshiano
---------------------	--------------------------------

1

JONAS

AURANOS

Quando o Rei Sanguinário queria provar alguma coisa, fazia isso da maneira mais dura possível.

Era meio-dia. Com pancadas de tremer os ossos, o machado do carrasco desceu sobre o pescoço de três rebeldes acusados, separando a cabeça dos corpos. O sangue escorreu pelas toras de madeira e se espalhou pelo chão de pedra lisa diante de uma multidão que já somava mais de mil pessoas. E tudo o que Jonas podia fazer era observar horrorizado as cabeças serem enfiadas em estacas altas na praça do palácio, para todos verem.

Três garotos que mal haviam se tornado homens estavam mortos porque foram considerados perigosos e encrenqueiros. As cabeças decapitadas encaravam a multidão com olhos vazios e expressão inerte. Sangue escarlate escorria pelas estacas de madeira enquanto os corpos eram levados para serem queimados.

O rei que havia conquistado aquela terra de maneira rápida e brutal não concedia segundas chances — especialmente a quem representasse qualquer oposição pública a ele. A rebelião seria combatida com rapidez, sem remorso — e abertamente.

A cada descida fatal da lâmina, uma agitação crescente avançava pelas massas, como uma névoa densa que não dava mais para ignorar. Aurano um dia fora um reino livre, próspero e pacífico — mas agora alguém com gosto por sangue estava no trono.

A multidão estava ombro a ombro na grande praça. Ali perto, Jonas podia ver jovens nobres, bem-vestidos, com o maxilar tenso e expressão preocupada. Dois homens gordos e bêbados brindavam com cálices cheios de vinho, como se comemorassem um dia repleto de possibilidades. Uma velha senhora de cabelos grisalhos e rosto marcado por linhas de expressão, usando um vestido fino de seda, olhava para os lados desconfiada. Todos estavam empoleirados, procurando o melhor lugar para ver o rei quando ele aparecesse no terraço de mármore lá em cima. O ar estava tomado pelo odor da fumaça das chaminés e das cigarrilhas, pelos aromas de pão e carne sendo assados, e pelos óleos e perfumes florais de fragrância carregada usados largamente como substituição a banhos regulares. E o barulho — uma cacofonia de vozes, sussurros conspiratórios e gritos guturais — impossibilitava que se pensasse direito.

O palácio auraniano brilhava diante deles como uma enorme coroa de ouro, com torres elevando-se até o céu azul e límpido. Ele ficava no centro da Cidade de Ouro, uma cidade murada com mais de três quilômetros de largura e extensão. Até as paredes possuíam ranhuras cobertas de ouro, que refletiam a luz do sol como uma pilha de moedas de ouro no meio de uma vasta área verde. Lá dentro, vias pavimentadas com pedras levavam a quintas, comércios, tavernas e lojas. Apenas pessoas privilegiadas e importantes podiam fazer daquela cidade seu lar. Mas hoje os portões estavam abertos para quem quisesse ouvir o discurso do rei.

— Este lugar é impressionante. — Era difícil ouvir a voz de Brion no meio do falatório incessante da multidão.

— Você acha? — Jonas desviou sua atenção sombria das cabeças empaladas. Os olhos azul-escuros do amigo estavam fixos no palácio reluzente, como se fosse possível roubá-lo e vendê-lo.

— Eu poderia me acostumar a viver aqui. Ter um teto sobre a cabeça; ladrilhos dourados sob os pés bem tratados. Toda a comida e

bebida que eu pudesse engolir. Estou dentro. — Ele olhou para cima, viu os rebeldes executados e fez uma careta. — Isto é, considerando que eu continuasse com a cabeça intacta.

Os rebeldes executados naquele dia eram auranianos, portanto não faziam parte do grupo de Jonas e Brion — jovens rapazes com ideias afins que desejavam se revoltar contra o rei Gaius em nome de Paelsia. Desde o cerco ao castelo, três semanas antes, eles estavam vivendo no meio da floresta que separava Auranos de sua pobre terra natal. As Terras Selvagens — como a área era conhecida — tinham a terrível reputação de abrigar bandidos perigosos e animais ferozes. Alguns tolos supersticiosos também acreditavam que demônios e espíritos perversos viviam na sombra das árvores altas e espessas, que bloqueavam toda a claridade, deixando passar apenas um pequeno feixe de luz do sol.

Jonas era capaz de lidar com bandidos e feras. E, ao contrário da maioria esmagadora de seus conterrâneos, ele acreditava que tais lendas haviam sido criadas apenas para incitar o medo e a paranoia.

Quando ouviu a notícia das execuções marcadas para aquele dia, Jonas quis ver com os próprios olhos. Ele estava certo de que elas fortaleceriam sua determinação, sua convicção de fazer qualquer coisa, assumir qualquer risco, para ver os reinos tomados escaparem como areia das mãos do tirano que agora os governava.

Em vez disso, elas o encheram de terror. O rosto de cada garoto se transformou no de seu irmão morto, Tomas, quando o machado caiu e o sangue foi derramado.

Três garotos com a vida inteira pela frente — agora silenciados para sempre por dizer algo diferente do que era permitido.

Tais mortes seriam consideradas por muitos como obra do acaso. Destino. Os paelsianos, principalmente, acreditavam que o futuro já estava determinado e que era preciso aceitar o que lhes era oferecido — fosse bom ou ruim. Isso só servia para criar um reino de vítimas

com medo de enfrentar a oposição. Um reino facilmente tomado por alguém feliz em roubar o que ninguém lutaria para manter.

Ninguém, ao que parecia, exceto Jonas. Ele não acreditava em aca-
so, destino ou respostas mágicas. O destino não estava determinado.
E se ele tivesse ajuda suficiente daqueles dispostos a lutar ao seu lado,
sabia que era capaz de mudar o futuro.

A multidão ficou em silêncio por um instante, até que o burburinho
começou a crescer novamente. O rei Gaius havia surgido no terraço — um homem alto e belo, com olhos escuros e penetrantes que
analisavam a multidão como se memorizasse cada rosto.

Jonas sentiu uma necessidade repentina de se esconder, como se
fosse possível identificá-lo no meio da multidão, mas se obrigou a per-
manecer calmo. Embora já tivesse encontrado o rei frente a frente, não
seria descoberto ali. O manto cinza, similar ao usado por metade dos
homens ali presentes, incluindo Brion, era suficiente para ocultar sua
identidade.

Ao lado do rei no terraço estava Magnus, príncipe herdeiro do
trono. Magnus era quase a imagem espelhada de seu pai, só que mais
jovem, é claro, e com uma cicatriz que atravessava seu rosto, visível
mesmo de longe.

Jonas havia encontrado rapidamente o príncipe limeriano no cam-
po de batalha e não tinha esquecido que Magnus impedira que uma
espada perfurasse seu coração. Mas agora não estavam mais lutando
do mesmo lado. Eram inimigos.

A majestosa rainha Althea, com cabelos escuros e mechas grisa-
lhas, juntou-se ao filho à esquerda do rei. Era a primeira vez que Jonas
a via, mas era fácil reconhecer aquela mulher. Ela lançou um olhar
soberbo para a multidão.

Brion segurou o braço de Jonas, que olhou para o amigo achando
um pouco de graça.

— Você quer me dar a mão? Eu não acho que...

— Apenas fique calmo — Brion disse, sem sorrir. — Se perder a cabeça, pode acabar, hum, perdendo a cabeça. Entendeu?

Logo em seguida Jonas entendeu o motivo. Lorde Aron Lagaris e a princesa Cleiona Bellos, filha mais nova do antigo rei, juntaram-se aos demais no terraço. A multidão comemorou aovê-los.

Os cabelos longos, claros e dourados da princesa Cleo refletiam a luz do sol. Jonas já havia odiado aqueles cabelos e sonhado em arrancá-los pela raiz. Para ele, simbolizavam a riqueza de Auranos, que se mantinha a uma curta distância da pobreza desesperada de Paelsia.

Agora sabia que nada era tão simples como ele pensava.

— Ela é prisioneira deles — Jonas sussurrou.

— Não me parece uma prisioneira — Brion disse. — Mas, claro, se você está dizendo...

— Os Damora mataram o pai dela, roubaram seu trono. Ela os odeia. Como poderia ser diferente?

— E agora lá está ela, obediente, ao lado de seu pretendente.

Seu pretendente. Jonas olhou fixo para Aron.

O assassino de seu irmão estava acima deles, em uma posição de honra, ao lado de sua futura esposa e do rei conquistador.

— Você está bem? — Brion perguntou com cautela.

Jonas não pôde responder. Estava ocupado visualizando a si mesmo escalando a parede, pulando no terraço e matando Aron com as próprias mãos. Ele já havia imaginado diferentes métodos para acabar com aquele presunçoso desperdício de vida, mas acreditava ter deixado seu desejo de vingança de lado em nome dos objetivos mais elevados de um rebelde.

Ele estava errado.

— Eu o quero morto — Jonas disse entredentes.

— Eu sei. — Brion estava lá quando Jonas ficou de luto por Tomas e, furioso, jurou vingança. — E esse dia vai chegar. Mas não será hoje.

Lentamente, bem lentamente, Jonas controlou sua cólera imprudente. Seus músculos relaxaram, e Brion finalmente soltou seu braço.

— Está melhor? — o amigo perguntou.

Jonas não havia desviado os olhos do rapaz odioso e arrogante no terraço.

— Só vou ficar bem quando o vir sangrar.

— É um de nossos objetivos — Brion afirmou. — Um objetivo válido. Mas, como eu já disse, não será hoje. Fique calmo.

Jonas respirou fundo.

— Desde quando você dá ordens?

— Como subcomandante do nosso pequeno grupo de rebeldes, se meu capitão enlouquecer de repente, eu assumo. São ossos do ofício.

— Bom saber que você está levando isso a sério.

— Existe uma primeira vez para tudo.

No terraço, Aron se aproximou mais de Cleo e estendeu o braço para segurar sua mão. Ela virou seu lindo rosto para olhar para ele, mas nenhum sorriso se formou em seus lábios.

— Ela merecia coisa melhor do que esse cretino — Jonas resmungou.

— O quê?

— Deixa pra lá.

A multidão cresceu ainda mais em questão de minutos, e o calor intenso do dia se abateu sobre eles. Suor escorria da testa de Jonas, e ele o secava com a manga do manto.

Finalmente, o rei Gaius deu um passo à frente e ergueu a mão. Fez-se silêncio.

— É uma grande honra — o rei disse, com a voz potente o bastante para se projetar com facilidade sobre a multidão — estar aqui diante de vocês como o rei não só de Limeros, mas agora também de Paelsia e Auranos. Houve um tempo em que os três reinos de Mítica eram um só, forte, próspero e pacífico. E agora, finalmente, teremos isso de novo.

As pessoas na multidão murmuravam em voz baixa umas com as outras, a maioria dos rostos mostrando traços de desconfiança, de medo, apesar das palavras suaves do rei. A reputação do Rei Sanguiário o precedia. Nas conversas sussurradas antes e depois das execuções, Jonas ouviu muitos dizerem que a partir daquele discurso decidiriam se o rei era amigo ou inimigo. Muita gente duvidava que os rebeldes mortos estivessem certos, qualquer que fosse a anarquia que haviam tentado estabelecer; talvez os rebeldes só piorassem as coisas para todos ao irritar o rei.

Tanta ignorância — tanta prontidão para pegar o caminho mais fácil, curvar-se diante do conquistador acreditando em quaisquer palavras que saíssem de sua boca. Tudo isso indignava Jonas até o último fio de cabelo.

Mas até ele precisava admitir que o rei dominava a arte do discurso. Cada palavra parecia coberta por ouro, dando esperança aos desesperançados.

— Optei por viver com a minha família neste belo palácio por um tempo, pelo menos até a transição se completar. Embora seja muito diferente de nosso amado lar em Limeros, queremos conhecer todos vocês melhor, e sentimos que é nosso dever de acolhida ajudar a guiar todos os nossos cidadãos rumo a essa nova era.

— Também ajuda o fato de Limeros estar congelado como o coração de uma bruxa — Brion zombou, apesar de alguns murmúrios de aprovação à sua volta. — Ele faz parecer um sacrifício viver em um lugar que não está coberto de neve e gelo.

— Hoje tenho um anúncio importante a fazer, que beneficiará a todos — o rei afirmou. — Sob meu comando, já foi iniciada a construção de uma grande estrada que irá interligar nossos três reinos.

Jonas franziu a testa. Uma estrada?

— A Estrada Imperial partirá do Templo de Cleiona, a algumas horas desta cidade, cortará as Terras Selvagens até Paelsia, onde se-

uirá para o leste, atravessando as Montanhas Proibidas, e depois para o norte, cruzando a fronteira para Limeros, chegando ao Templo de Valoria, seu destino final. Várias equipes já estão posicionadas, trabalhando dia e noite para garantir que a construção da estrada termine o mais rápido possível.

— Atravessando as Montanhas Proibidas? — Jonas sussurrou. — Para que serve uma estrada que leva aonde ninguém quer ir?

O que o rei estava tramando?

Um brilho no céu chamou sua atenção, e ele viu dois falcões dourados sobrevoando a multidão.

Até os vigilantes estão interessados.

Pensamentos ridículos como esse ele guardava para si em vez de compartilhar com Brion. As histórias sobre imortais que assumiam a forma de falcões para visitar o mundo mortal não passavam disso: histórias contadas para as crianças na hora de dormir. Sua própria mãe lhe contara essas histórias.

Os lábios do rei se abriram num sorriso que pareceria genuíno e caloroso a todos que não conhecessem a escuridão por trás dele.

— Espero que estejam tão satisfeitos quanto eu com essa nova estrada. Sei que está sendo um período difícil para todos, e não tenho prazer algum com o sangue derramado no processo.

Houve uma onda de murmúrios descontentes e inquietos na multidão, mas deveria haver muito mais.

Está funcionando, Jonas pensou. *Ele está enganando os que querem ser enganados.*

— Até parece — Brion exclamou. — Ele adora derramar sangue. Teria se banhado com ele se tivesse a oportunidade.

Jonas concordava plenamente.

O rei Gaius continuou:

— Como todos podem ver aqui hoje, a princesa Cleiona está muito bem. Ela não foi exilada nem aprisionada como filha de meu inimi-

go. Por que seria? Depois de toda a dor e sofrimento que enfrentou bravamente, eu a recebi em minha nova casa de braços abertos.

Ele falava como se ela tivesse tido alguma escolha, mas Jonas não acreditava nisso.

— Meu próximo anúncio de hoje diz respeito à sua princesa. — O rei Gaius estendeu a mão. — Venha cá, minha querida.

Cleo lançou um olhar desconfiado para Aron antes de se virar para o rei. Ela hesitou apenas um instante, e depois atravessou o terraço para se posicionar ao lado do rei. Sua expressão era indecifrável; os lábios estavam apertados, mas a cabeça erguida. Um colar de safiras brilhava em seu pescoço, e joias também enfeitavam seus cabelos, combinando com o vestido azul-escuro. Sua pele brilhava radiante sob o sol. Sussurros empolgados agora se elevavam da multidão, sobre a filha de seu antigo rei.

— A princesa Cleiona sofreu uma grande perda, e seu coração está partido. Ela é de fato uma das garotas mais corajosas que já conheci e entendo por que o povo de Auranos a ama tanto. — A voz e a expressão do rei pareciam repletas de afeição quando ele olhava para a princesa. — Todos sabem que ela está comprometida com lorde Aron Lagaris, um belo rapaz que defendeu a princesa de um selvagem em Paelsia que pretendia fazer mal a ela.

Brion agarrou o braço de Jonas novamente e cravou a ponta dos dedos. Jonas não havia se dado conta de que tinha dado um passo à frente, com as mãos cerradas ao lado do corpo, incitado pelas mentiras a respeito de seu irmão.

— Fique calmo — Brion resmungou.

— Estou tentando.

— Se esforce mais.

O rei puxou Cleo para mais perto.

— Foi assim que lorde Aron provou seu valor ao finado rei Corvin e recebeu a mão da princesa e a promessa de um casamento que sei que os auranianos aguardam ansiosamente.

Aron estampou um sorriso no rosto e um olhar de triunfo nos olhos.

De repente, Jonas percebeu o que estava acontecendo. O rei estava prestes a anunciar a data do casamento de Aron e Cleo.

O rei Gaius apontou a cabeça na direção do rapaz.

— Não tenho dúvidas de que lorde Aron formaria um ótimo par com a princesa.

Jonas ardia de raiva em silêncio por aquele desgraçado se envaidecer e brilhar à luz de seus crimes — e ser recompensado por eles. O ódio de Jonas era palpável, um monstro horrível que ameaçava renovar sua obsessão de vingança e cegá-lo para todo o resto.

O rei continuou:

— Ontem cheguei a uma importante decisão.

A multidão ficou em silêncio absoluto, inclinando-se para a frente coletivamente na expectativa do que ele diria em seguida. Jonas não conseguia tirar os olhos de lorde Aron e de sua expressão alegre e desprezível.

— Eu, neste ato, encerro o compromisso firmado entre lorde Aron e a princesa Cleiona — o rei Gaius disse.

A multidão levou um susto, e a expressão alegre de Aron ficou paralisada.

— A princesa Cleiona representa a dourada Auranos de todas as formas — o rei disse. — Ela é filha de todos vocês, e sei que mora em seu coração. Vejo isso como uma oportunidade de unir Mítica ainda mais. Assim sendo, hoje tenho a satisfação de anunciar o noivado e iminente casamento, daqui a quarenta dias, de meu filho, príncipe Magnus Lukas Damora, e a adorada princesa Cleiona Aurora Bellos, de Auranos.

O rei Gaius pegou a mão de Cleo e a de Magnus e as uniu.

— Logo após o casamento haverá uma excursão dos recém-casados. Magnus e Cleiona viajarão por Mítica como símbolo da união e do brilhante futuro que todos compartilhamos.

Houve um momento de silêncio até que a maior parte da multidão começou a comemorar, em aprovação — alguns com nervosismo, outros aprovando totalmente a união e a excursão propostas.

— Hum — Brion disse. — Por essa eu não esperava.

Jonas encarou o terraço durante vários minutos, aturdido.

— Já ouvi o bastante. Precisamos sair daqui. Agora.

— Mostre o caminho.

Jonas desviou o olhar do rosto confuso de Cleo e começou a abrir caminho pela multidão. Ele estava mais preocupado com a notícia da Estrada Imperial — o que aquilo significava? Quais eram as verdadeiras intenções do rei? O destino da princesa, agora noiva de seu inimigo mortal, deveria ser a última de suas preocupações.

Ainda assim, o novo noivado de Cleo o perturbou profundamente.